

Cristocentrismo Trinitário da Mensagem

Catequistas para uma nova catequese

Início esta reflexão convosco a partir de uma convicção profunda, que o Directório Geral da Catequese, no número 39, diz deste modo: “O facto de Jesus Cristo ser a plenitude da Revelação é o fundamento do ‘cristocentrismo’ da catequese: o mistério de Cristo, na mensagem revelada, não é o elemento a mais, justaposto aos outros, mas sim o centro a partir do qual todos os outros elementos se hierarquizam e iluminam” (DGC 41). Na catequese, o que se ensina é Cristo e tudo o mais é em referência a Ele. Quem ensina é Cristo, qualquer outro que o faça, fá-lo na medida em que deixa que Cristo fale pela sua boca (Cf CT 6). O centro da catequese é, pois, a Pessoa de Jesus Cristo, revelador de Deus Trindade. Trata-se de um “cristocentrismo essencialmente trinitário” (DGC 99).

Revelação

Jesus Cristo, revelador do Pai, é o centro da fé Cristã. Os textos sagrados não são outra coisa do que a releitura, na fé pascal, de um acontecimento histórico, que transformou a vida dos discípulos.

A catequese, como acto de tradição, ou seja, de entrega da fé revelada, tem em Jesus Cristo o seu centro. Pois Cristo é ao mesmo tempo o Mistério revelador e o Mistério revelado, o mediador e a plenitude da revelação (Cf DV 2;4). Por isso, Jesus Cristo ocupa uma posição única, quer na fé cristã quer no contexto das outras religiões. O Cristianismo é a religião onde a Revelação encarna numa Pessoa que se apresenta como caminho verdade e vida (Cf Jo 14,6). O acto de crer em Jesus Cristo, em entrar em comunhão com Sua Pessoa, permite-nos estar em comunhão com o Deus vivo e verdadeiro que é Trindade. Jesus Cristo é em simultâneo imanente à história, o “Verbo fez-se Carne”(Jo 1,14), mas também o seu Transcendente absoluto, “é por Ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai”(Ef 2,18). Cristo não é um aspecto mais da Revelação: Ele é a Revelação de Deus, o totalmente Outro.

De facto, Deus, depois de ter falado em muitas ocasiões pelos Profetas, falou-nos por meio de Seu Filho (Cf *Heb* 1, 1-2). Com efeito, “enviou o seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para viver no meio deles e revelar-lhes a vida íntima de Deus. Jesus Cristo, Verbo Incarnado, enviado ‘como homem aos homens’, transmite as palavras de Deus e consuma a obra de salvação que o Pai lhe confiou. Por isso, quem o vê, vê o Pai; com a sua presença e manifestação pessoal, com as suas palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de Verdade, aperfeiçoa e completa totalmente a revelação, e confirma-a com o testemunho divino, isto é, que Deus está verdadeiramente connosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna”(DV 4).

Jesus Cristo, revelador do Deus Trindade, é o sinal que em Si deve ser decifrado, e todos os sinais do Reino convergem n’Ele como feixe convergente. Este Mistério de discernimento da epifania do Filho entre os homens é, com as mediações dos sinais da Sua glória, um traço distintivo e, ao mesmo tempo, escandaloso da revelação cristã.

Comunhão com Cristo

O principal objectivo da Catequese é, pois, pôr o catequizando em comunhão com Cristo. É, “de certa maneira, levar alguém a perscrutar este Mistério em todas as dimensões. (...) Quer dizer: é procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, pois eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério”(CT 5).

A finalidade da catequese será, então, “a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito Santo e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (CT 5).

A caminhada catequética tem como missão ajudar o catequizando a dizer ‘sim’ a Jesus Cristo, que é plenitude da revelação do Pai. Este objectivo “encerra em si uma dupla dimensão: a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revelou. Isto só é possível através da acção do Espírito Santo” (DGC 54).

Discípulos de Cristo

A fé é um “encontro pessoal com Jesus Cristo, é tornar-se Seu discípulo. Isto exige o empenho permanente de pensar como Ele, de julgar como Ele e de viver como Ele viveu. Deste modo, o crente une-se à comunidade dos discípulos e assume como sua a fé da Igreja”(DGC 53).

Embora haja acções que preparam a catequese e outras acções que dela derivam, à catequese cabe o período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão. Após a conversão inicial, os catecúmenos, “mediante um ensinamento de toda vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo, são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico. Trata-se, de facto, de os iniciar na plenitude da vida cristã”(DGC 63).

Catequese de iniciação

A catequese de iniciação cristã é, pois, aquela que melhor se adequa a este objectivo. Nesta catequese, de inspiração catecumenal, tem-se presente que a conversão a Jesus Cristo implica viver no seguimento da Sua vida. Por isso, a “catequese deve transmitir aos discípulos as atitudes próprias do Mestre. Assim, (os catecúmenos) deverão percorrer um caminho de transformação interior ao longo do qual, pela sua participação no mistério pascal de Cristo, ‘passem do homem velho para o homem novo em Cristo’”(DGC 85). A força interpeladora da evangelização acontece quando, juntamente com a palavra anunciada, se oferece também a palavra vivida.

São elementos próprios da iniciação cristã de cariz catecumenal a iniciativa gratuita de Deus, através da qual o catecúmeno se sente chamado por Deus Pai em Jesus Cristo e no Espírito, através do anúncio do Evangelho. A esta iniciativa o catecúmeno responde livremente, confiando-se a Deus. A Igreja acolhe no seu seio aqueles que aceitaram o Mistério de Cristo, inserindo-os pelos Sacramentos nesse mistério e na própria Igreja, através da qual o neófito participa na comunhão com a Santíssima Trindade. Esta acção da Igreja integra basicamente a pregação da Palavra de Deus e a sua explicação, a catequese inicia no conhecimento dos mistérios e na vida cristã e a celebração dos sacramentos.

Deus Pai, que desde toda a eternidade se quis dirigir gratuitamente a cada ser humano, concretiza esta vontade nas palavras e obras de Jesus Cristo que, sob a acção do Espírito Santo, se realizam no hoje da História, através da sua Igreja. Pois “aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua

vontade, por meio do qual os homens, através de Cristo, Verbo Incarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e n'Ele se tornam participantes da natureza divina. Por conseguinte, em virtude desta revelação, Deus invisível, na abundância do seu amor, fala aos homens como amigos e dialoga com eles, para os convidar à comunhão com Ele e nela os receber.

Este plano 'da revelação' concretiza-se por meio de palavras e acções intimamente ligadas entre si, de tal modo que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras. As palavras, porém, proclamam as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Todavia, o conteúdo profundo da verdade tanto a respeito de Deus como da salvação dos homens, manifesta-se-nos por esta revelação na pessoa de Cristo, que é simultaneamente o mediador e a plenitude da revelação" (DV 2).

A Iniciação cristã há-de ser entendida "em primeiro lugar como obra da Santíssima Trindade na Igreja. Do Pai 'que nos escolheu antes da criação, para sermos santos e imaculados na sua presença, elegendo-nos de antemão para sermos seus filhos adoptivos'; do Filho Jesus Cristo que, 'sentado à direita do Pai', se faz presente na sua Igreja para inserir aos homens no seu mistério pascal; e do Espírito Santo, o 'pedagogo da fé', e artífice das 'grandes obras de Deus' que são os sacramentos da Nova Aliança. A Igreja é a Mediação querida por Deus para realizar no tempo esta obra de redenção humana e de participação dos homens na natureza divina"(IC 11).

Vejamos, agora, o que diz o Catecismo da Igreja Católica: "Através do sacramentos de iniciação cristã – Baptismo, Confirmação e Eucaristia - são lançados os alicerces de toda a vida cristã. 'A participação na natureza divina, dada aos homens pela graça de Cristo, comporta uma certa analogia com a origem, crescimento e sustento da vida natural. Nascidos para uma vida nova pelo Baptismo, os fiéis são efectivamente fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e recebem na Eucaristia o Pão da vida eterna. Assim, por estes sacramentos da iniciação cristã, eles recebem cada vez mais riquezas da vida divina e avançam para a participação da caridade'"(CCE 1212).

Por isso, a Iniciação cristã, que é cristológica e trinitária, realiza-se através de um percurso divino e humano, trinitário e eclesial. Aqueles que acolhem a mensagem divina da salvação, são acompanhados pela Igreja, através dos catequistas, desde o nascimento da vida divina até à maturidade cristã básica.

A transmissão da Mensagem cristã, que se caracteriza pelo seu cristocentrismo trinitário, precisa de um processo para se realizar. Esse processo ou caminho é a catequese

de inspiração catecumenal, a catequese de iniciação cristã. Aqui o papel do Catequista é preponderante.

Espiritualidade do Catequista

A missão do catequista será tanto mais fiel quanto mais estiver em união com Deus, ou seja, quanto mais o enviado viver da vida daquele que envia, numa humildade de se saber apenas instrumento, já que o principal catequista é o Espírito Santo(Cf EN 75). Ao catequista cabe apenas a missão de ajudar os catecúmenos a acolher a acção do Espírito Santo(Cf DGC 22), que há-de fazer com que cada fiel compreenda o sentido profundo do Mistério de Cristo. O catequista é chamado a ser um facilitador da acção do Espírito Santo na vida de cada pessoa e na sua conversão ao Senhor Jesus. Esta realiza-se, em última instância, na relação única e pessoal do catequizando com Deus. A catequese é, como crescimento e amadurecimento na fé cristã, obra do Espírito Santo, obra que só Ele pode suscitar e manter na Igreja.

A transmissão da Mensagem procura favorecer a comunhão do convertido com Jesus Cristo(Cf CT 5), o que deve impregnar o ser do catequista. A nota essencial da espiritualidade de todo o missionário e, por conseguinte, também do catequista, “é a comunhão íntima com Cristo: não é possível compreender e viver a missão, senão na referência a Cristo, como Aquele que foi enviado para evangelizar”(RMI 83). Por isso, o objectivo de todo o catequista é “saber animar eficazmente um itinerário catequético, no qual, através das etapas necessárias, anuncie Jesus Cristo; dê a conhecer a Sua vida enquadrando-a na totalidade da história da salvação; explique o mistério do Filho de Deus, feito homem por nós; e, por fim, ajude o catecúmeno ou os catequizandos a identificar-se com Jesus Cristo por meio dos sacramentos da iniciação cristã”(DGC 235). O catequista deverá, pois, aprofundar cada vez mais estes aspectos basilares da espiritualidade cristocêntrica.

Testemunho

O catequista deverá ter, pois, uma comunhão com Cristo, sendo um testemunho e sinal dessa comunhão de vida com Ele. O cristocentrismo da catequese convida o catequista a viver como homem novo (cf Ef 4, 20-24), tal como apresenta S. Paulo na Carta aos Efésios: escutar aquilo que diz respeito a Jesus Cristo e é transmitido pela Igreja,

conhecendo a verdade do Mistério salvífico de Cristo; e chegar a viver desse Mistério, assimilá-lo de tal maneira que chegue a “revestir-se do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, na justiça e na santidade, próprias da verdade”(Ef 4, 24). Deste modo “deixaremos de ser crianças, batidos pelas ondas e levados por qualquer vento da doutrina, ao sabor do jogo dos homens, da astúcia que maliciosamente leva ao erro; antes, testemunhando a verdade no amor cresceremos em tudo para aquele que é a cabeça, Cristo. É a partir dele que o Corpo inteiro, bem ajustado e unido por meio de toda a espécie de articulações que o sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor” (Ef 4,14-16).

O progresso espiritual encaminha para uma mais íntima união com Cristo(Cf CCE 2014), e o catequista assume, pois, na sua vida, a referência de obediência amorosa de Jesus ao Pai e revive no seu mistério pascal de morte e ressurreição a história de seguimento da vontade divina, que configurou toda a sua vida, introduzindo-se assim plenamente no mistério trinitário. Jesus Cristo aperfeiçoou e completou a Sua revelação “completando-a e confirmando-a com toda a manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, com sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e com a sua ressurreição e com o envio do Espírito de verdade”(EN 12). Jesus Cristo, Filho de Deus, através das suas palavras e dos seus gestos revela o ser e o amor do Pai, pelo que a sua obediência filial e o cumprimento da Sua vontade acaba por ser o modo pelo qual mostra a união entre o Pai e o Filho. Este é o modelo e o centro de toda a experiência pascal possível, pois em Jesus cada pessoa pode experimentar o amor do Pai, revelado pelo Filho, e onde todos são chamados a serem filhos de Deus, assumindo de forma incondicional e livre a vontade salvífica de Deus.

O catequista tem como missão narrar a história de Jesus Cristo, por mandato da Igreja, pelo que o próprio catequista tem de ser alguém que segue muito de perto a Jesus Cristo em comunhão com a Igreja que é enviada e evangelizadora. Também ela envia evangelizadores e “coloca em seus lábios a Palavra que salva, que lhes explica a mensagem de que ela mesma é depositária, que lhes confere o mandato que ela própria recebeu e que, enfim, os envia a pregar. E a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer, mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade”(EN 15). Este é um testemunho que os catequizandos têm de perceber no catequista, para que a catequese possa ser um processo de introdução cada vez maior nos mistérios da fé presentes na Igreja(Cf GC 7).

O catequista é, então, um discípulo de Cristo que vive na obediência da fé o seguimento existencial do Senhor Jesus e esta condição de discípulo, que escuta o Mestre e vive em dependência pessoal dele, é uma característica fundamental da vocação e missão do catequista.

Esta característica cristocêntrica envolve directamente a identidade do catequista e a sua preparação, que deve ser conseguida através de uma profunda familiaridade com Cristo e com o Pai, no Espírito(Cf GC 20). É esta familiaridade com Cristo que envia cada catequista a catequizar que constitui o verdadeiro motor da catequese(Cf DGC 239), pois, como adverte o Catecismo da Igreja Católica, é “deste conhecimento amoroso de Cristo que brota o desejo de O anunciar, de ‘evangelizar’ e levar os outros ao ‘sim’ da fé em Jesus Cristo”(CCE 429).

Luís Miguel FIGUEIREDO RODRIGUES

luís@diocese-braga.pt